COSTUMES PORTUGUEZES.



O cego pedinte. — Composição e desenho de Nogueira da Silva. — Gravura de Baracho.

— «Qual é o primeiro pintor da actualidade?» perguntaram um dia a Gustavo Doré.

— «E Gavarni» respondeu immediatamente o espirituoso illustrador de Rabelais.

Mas porque é que Gustavo ousou responder assim, em presença dos grandes vultos de David e de Vernet? Pois Vernet, reproduzindo com o pincel o calor das batalhas; pois David, dando com o cinzel a vida ao marmore; aos olhos de Doré ficam á quem de Gavarni traçando burlescamente com o lapis scenas vulgares da vida obscura e commum? Vernet subindo com o soldado ás alturas do enthusiasmo e da gloria guerreira; David levado pelo genio do maravilhoso até ás regiões celestes para ahi devassar as fórmas magestosas da divindade; não são mais sublimes do que Gavarni descendo ao lodo de lupanares, das baiucas nojentas, das tabernas? Não é mais pura a alma que respira o odôr da polvora, que embriaga e accende o fogo da coragem; a alma que respira os perfumes do incenso, que vive mergulhada em jorros de luz, e embalada pelos canticos e harmonias dos anjos, do que aquella que respira vapores alcoolicos, fumo de cigarros e o halito pestilente dos vicios?

Não sei. Perguntae-o a Gustavo Doré, ou, antes, ao povo.

Victor Hugo é o rei, o leão da litteratura e da poesia moderna. Não ha rival que ouse expor-se ao perigo de ser rasgado pelas suas garras. A sua musa é altiva; brilha-lhe na fronte o diadema da magestade; dicta leis nas regiões da phantasia e da imaginação. Béranger era o cidadão, a ovelha do rebanho. Ninguem tinha medo d'elle. A sua musa era branda e affavel; cingia-lhe a fronte o véo da modestia, da candura, mesmo da innocencia; detestava o sceptro da opulencia e da dictadura. Foi o cantor resignado e sentido da pobreza e do amor. O povo respeita o primeiro muito mais do que o segundo; mas ama o segundo muito mais do que respeita o primeiro.

A razão, pedi-a ao povo.

Garrett passou entre nós por ser o mesmo que Victor Hugo entre os francezes. Mas o povo não sa-

lhe repetir um verso de Garrett, e canta o *Granadeiro* e a *Vivandeira*, de Palmeirim, o *Hymno do trabalho*, de Castilho.

A razão pedi-a ainda ao povo.

Acontecerá por ventura que o poeta, o esculptor, o pintor, o desenhador, o prosador, sejam mais uteis e verdadeiros, cantando, esculpindo, colorindo, traçando, descrevendo as paixões, os costumes, os usos do povo, correndo unidos aos seus sentimentos e habitos, ora incitando e partilhando os seus gozos, ora stigmatisando os seus erros em phrase galhofeira e disfarçada, ou em traço burlesco, como o tem feito Gavarni, e o fez Béranger; do que divagando pelas regiões abstractas da sciencia, que o povo não comprehende, e onde pouco ou nada encontra com que dar relevo aos seus prazeres, e modestos festins, como o tem feito Hugo e Vernet? Talvez, porque o povo gosta de se ver poetisado e reflectido na tela; porque só canta a musica que se póde cantar na ignorancia dos preceitos da arte, essa musica que lhe não exige esforços ou dotes que não tem; porque só recita e cantarola versos de facil comprehensão, versos que lhe fallem ao intimo da alma, que lhe sirvam para desenfado do trabalho, e encanto das horas passadas nos amores; porque guarda, admira e mostra a todos o desenho ou pintura que lhe reproduz as proprias feições ou as dos parentes, ou as dos amigos, tudo isto typos que elle vê a cada instante, scenas que passa comsigo proprio, com que folga, com que brinca, com que se distrahe, e ri.

Parece-me explicada a resposta de Gustavo Doré.

Quereis ser historiador fiel, moralista sagaz, philosopho profundo? Nada mais facil. Apresentae a verdade em expressão tão singela ou em traço tão franco, como ella o é em si. Não a procureis, porque está por toda a parte, constantemente ao pé de vós, e em vós. É a planta, e a ave, e o homem, e todos esses infinitos milhões de seres que povoam e constituem o universo. Tendes olhos para ver, ouvidos para ouvir, alma para sentir, bocca para expressar. É quanto basta. Olhae esses seres, dizei na linguagem commum o que vêdes, o que ouvis, o que sentis, e tereis achado descripto, mostrando a verdade a todos, mais rapida, mais facil, mais positivamente, do que o sabio que consome annos inteiros em achar a solução d'um problema, clara a poucos, e, muitas vezes, erronea.

É o que tem feito Gavarni, é o que fez Béranger, os poetas mais queridos do povo francez.

Assim como os agentes physicos, os agentes moraes manifestam-se pelos seus effeitos. N'um typo, n'um uso, n'um costume, n'uma scena, estão sempre algumas das feições, e muitas vezes todas, que caracterisam o estado civil, moral, religioso, de um povo. Mostrae-me um typo qualquer, e por elle vos explicarei a indole, as tendencias, o grão de illustração que tem o paiz onde appareceu, onde se criou, onde vive.

Escolhei á vontade.

Se o typo é costume e scena ao mesmo tempo, e qual o vêmos á frente d'este artigo, reproduzido pelo lapis, mutiplicado pela maravilha da gravura, presta-se bem á experiencia. Mettamos-lhe o escalpello.

Esse cego traja jaqueta, colete e calças á européa. Póde ser europeu. — O panno de que se veste é o tão celebrado e classico briche. Póde ser portuguez. — Falla um como dialecto minhoto. É um visinho de Tuy. — Toca rabeca e canta ao mesmo tempo. Para que? Ouçamol-o. Canta o *bemdicto* em quadras imperfeitas, de sua lavra, alternadas com outras, filhas do mesmo pae, em que pede esmola. É um cego pedindo esmola cantada, e com musica de instrumental! Isto é já mui significativo, e prova que o povo, quando lhe pedem, gosta de ouvir tocar, gosta de modulações, gosta de cantarola. Povo religioso, é extremamente apaixonado do *bemdicto*, sobre tudo em verso. É por isso que dá mais facilmente esmola ao que lhe toca e canta, e assim se mostra recompensador do merito e do trabalho. Se não fosse assim, não estaria o cego a estafar as pernas, braços e guela!

Mas porque é que toca rabeca de preferencia a outro instrumento? Complicada é a razão, mas não difficil de dar. É que a rabeca parece ser uma vocação decidida dos cegos. Está ainda para ver um cego tocar flauta ou bandolim. Podem objectar-nos, dizendo, que se tem visto alguns tocar sanfona. É verdade é. Reparem, porém, no braço esquerdo do nosso cego, e verão que é aleijado. Depois, pelas duas raras qualidades, tacto fino e apuradissimo ouvido, que a rabeca exige, parece ter sido instrumento exclusivamente feito para cegos, bem como por serem elles os possuidores naturaes d'essas duas raras qualidades, parece terem os cégos nascido para tocar rabeca. De facto, quem mais rico d'aquelles dotes, do que o cego, que é capaz de ouvir zunir um mosquito na *outra-banda*, e sentir um atomo de pó debaixo das cabeças dos dedos, ainda que sejam calejados!

Á direita do cego tangedor vê-se um garoto de doze annos, pouco mais ou menos, tocando viola.

Mas que necessidade tem o cego de sustentar mais este appendice? Pois não bastava a rabeca? Bastaria. Comtudo, a presença d'aquelle rapaz, já todo desempenado da vergonha, que a perdeu á proporção que cresceu e se habituou ao *trato* arranhando as cordas da viola e accusando as ultimas syllabas de cada verso, revela a predilecção do nosso povo pelos *acompanhamentos*, pelas orchestras, pelos berros compassados, e, sobre tudo, a esperteza do cego em conhecer e aproveitar estas tendencias em beneficio da sua bolsa e da sua saccola.

O pequerrucho arrumado á esquerda é o encarregado do *expediente*, isto é, da pedintaria. Tudo n'elle indica esta funcção. É mui novo, tem os seus seis annos; está de chapeo na mão como para avisar os que param, e faz beicinho, como quem se não conforma com o cargo um pouco monotono e nem sempre feliz. Nenhuma d'estas circumstancias é sem razão. Não é o cego o proprio a pedir a esmola, porque não vê, e se exporia a estender a mão á parede ou a uma porta ou janella que não tivesse ninguem, com o que de certo provocaria riso, em logar de suscitar compaixão. Não manda a isso o rapaz da viola, porque lhe não convem acabar ou diminuir a musica e a cantarola, antes de feita a colheita: se caisse em tal, a maior parte dos espectadores, não tendo mais que ouvir, ou tendo ouvido o melhor, mettia-se para dentro, e adeus algumas de *cinco!* É por isso que o cego encarrega do peditorio um terceiro, e escolhe uma criança, porque sabe que, sendo natural em todos o compadecerem-se das crianças e acharem-lhes graça, maior colheita fará em attenção a ella. O pequerrucho mostra-se finalmente descontente, porque vendo na primeira vez em que pediu, que nem todos lhe davam esmola, e alguns riam d'elle, sentiu-se envergonhado, e nunca mais se póde resignar ao officio, provando assim que já na sua edade se mortifica a vergonha com os tristes papeis que o mundo nos obriga a fazer.

Resta ver se o cego, além de tocar e cantar por especulação, liga alguma importancia artistica ao seu trabalho: resta ver a influencia que exerce nos costumes e na sorte d'aquelles dois rapazes.

O primeiro ponto está resolvido, olhando-lhe para a cara. A expressão não é duvidosa. É um homem convicto de que toca e canta bem. D'aquelle arco não sáe nota sem que vá acompanhada do gesto cor-

respondente. Revira os olhos e abre a bocca a uma nota aguda; carrega as sobrancelhas e comprime os labios a uma nota grave; abana desesperadamente a cabeça a qualquer trinado. Como tocador de rabeca julga-se um Paganini; como cantor um Tamberlick; o que demonstra, que todos se julgam primeiros n'aquillo que fazem ou exercem.

Em quanto ao segundo e terceiro ponto, vejamos o que nos dá a analyse.

O cego tocador muda de rapazes quando elles chegam a edade que desdiz das suas conveniencias. É por isso que se encontra dez, vinte, trinta annos a fio o mesmo cego sempre com rapazes da mesma edade. Sobram-lhe, para esse fim, nas provincias, onde paes, que nem para si tem, lhe confiam gostosos os malfadados filhitos! Ainda bem o pequerrucho encarregado da pedintaria não fez oito annos, e logo o promove a tocador de viola, e põe o outro ao fresco, que já lhe não serve, por ter chegado, aos doze. Ora, dando sessenta annos de vida ao cego, e supponde que principiou a industria aos vinte, anda quarenta a pedir; e, durante elles, careceu de dez rapazes, que foi successivamente abandonando, inhabilitados para cousa alguma, com a vergonha perdida, affeitos á ociosidade, para nunca mais se desapegarem d'ella. É assim que quando um cego d'estes morre, tem a sua vida custado á humanidade dez victimas, que, se o recrutamento as não salva, na maioria dos casos vão parar á Africa.

A quem attribuir o crime? A má indole do cego? á miseria e ás suas consequencias? ao povo que concorre a alimental-as? á falta de providencias? a algum vicio organico da sociedade? a que? As respostas deixo-as á consideração dos leitores.

NOGUEIRA DA SILVA.

REI OU IMPOSTOR?

Chronica portugueza.

XIV.

O grande numero de portuguezes que com o fim de reconhecerem o apparecido rei D. Sebastião concorriam a Madrigal, chamava naturalmente a attenção da população e das auctoridades. Todos os olhos se fixavam em Gabriel d'Espinosa, por quem aquelles forasteiros perguntavam. A murmuração da villa augmentava com as continuas e largas visitas, que o pasteleiro fazia a D. Anna d'Austria. Não passava sem reparo o muito que tanto ella como o vigario o obsequiavam e brindavam. A maledicencia, que nunca pára no que justamente se deduz das apparencias, desgarrava, em commentarios, não só demasiado fortes, mas tambem pouco decorosos. O frade, que tudo averiguava e sabia, veiu a convencer-se da necessidade urgente de retirar d'aquella scena o seu novo rei de comedia, antes que o muito que se fallava produzisse algum acontecimento desagradavel. Entenderam-se os dois sobre isso. Espinosa conveiu na necessidade da partida. Faltava convencer a religiosa, que o ia sentir como a morte. Portadores da noticia fatal, dirigiram-se ao mosteiro.

Á entrada as saudações e os amorosos requebros do costume: depois, com tom sentimental e compungido, foi assim que Espinosa fallou:

— Senhora, parte-se-me com a pena o coração, ao ter que annunciar-vos cousa tão dolorosa como inevitavel!

— Sobreveiu acaso algum contratempo? recebestes alguma má noticia? (exclamou a monja com extraordinaria inquietação).

— Pelo contrario: os meus negocios estão no melhor pé. Não tardarei em deixar este incognito, que já me é insupportavel, porque me obsta a que vos possua, o que vale para mim mais do que uma coroa.

— Então que nova terrivel é essa que ides communicar-me?

— A ausencia, ainda que de pouco tempo, mas mui larga, mui intoleravel para o meu amor!

— Ausentar-vos!.. Primo! alguma cousa me occultaes (disse D. Anna em extremo sobresalto). Se os vossos negocios vão bem, porque não esperaes aqui a conclusão d'elles?

— Porque ha cousas que de ninguem se podem fiar. É preciso que me ausente por alguns dias. Logo que conclua o que pretendo voarei outra vez a vossos pés. Não duvideis que em breve estarei de volta.

— Mas, um mensageiro, uma pessoa de confiança, não poderia substituir-vos, sem que vós....

— Impossivel! são cousas para cada um fazer por si mesmo, e que de nenhum modo convem retardar. Dentro de dois dias partirei.

— Mas, vós, meu padre (disse D. Anna a frei Miguel) não encontraes, não descobris meio para evitar esta partida?

— Senhora, estou convencido, como sua magestade, de que é indispensavel esta ausencia, assim como tambem confio que será mui curta e sem contratempo.

— Deus o queira! (exclamou a religiosa). Mas não sei que presentimento me opprime o coração, como nunca senti egual! Apenas posso respirar com liberdade.

— Nada ha n'isso de estranho (respondeu o confessor). Sensivel em extremo, não podeis resignar-vos á separação de uma pessoa que vos está unida com estreitos e sagrados vinculos, tão proximos a serem indissoluveis. Sendo porém tão justa a causa de sua magestade, o Senhor, que no meio de tantas e tão estranhas vicissitudes o tem preservado por espaço de nove annos; o Senhor, que o salvou de tantos perigos, esquecer-se-hia agora d'elle em viagem tão curta, e isenta de prejuizo? Redobraremos nossas orações; multiplicaremos as penitencias; e para mais obrigar a Divina Magestade, lembra-me fazermos devota romaria ao milagroso Christo de Burgos. Não me resta duvida de que o Senhor, que é tão misericordioso, nos ouvirá.

As lagrimas corriam abundantes e como fio de perolas pelo rosto da religiosa, já meio convencida da necessidade da separação. Espinosa, com a cabeça inclinada sobre o peito, limpava com dissimulação os olhos baixos, como para occultar lagrimas e emoção que estava bem longe de experimentar. Até frei Miguel parecia enternecido, ainda que affectava conformidade e inteireza de animo. Em fim, por entre lagrimas e suspiros afogados se despediram apertados pelos cuidados da jornada, não sem que D. Anna pedisse encarecidamente que o seu rei lhe fallasse ainda antes da partida.

No dia seguinte dava a monja balanço a quanto dinheiro e alfayas tinha. Quando Espinosa veiu de tarde dizer-lhe o ultimo adeus, rogou-lhe que acceitasse tudo, dando-lhe faculdade para vender as alfayas, se necessitasse do seu valor. O pasteleiro recusou. Todas as instancias da religiosa foram baldadas. O que porém não conseguiu de Espinosa, alcançou de frei Miguel, que sem grande resistencia recebeu o presente para o metter na equipagem do real viajante, mais um copo de unicornio guarnecido de oiro e pedras preciosas, um livro com capas de oiro offerecido pela infanta a D. Anna, um rico annel de oiro e grande pedra preciosa com o retrato de Filippe II esculpido, brinde do mesmo monarcha, uma grande pedra bezoar engastada em oiro, algu-

mas imagens e outras cousas, todas de grande valor e pouco vulto.

Escusado é ponderar quanto foi terna e affectuosa esta ultima despedida. As lagrimas do dia anterior correram com mais abundancia; multiplicaram-se os suspiros e as palavras morriam na afflicção. D. Anna, depois de mui encarregada ao cuidado das duas monjas suas confidentes e amigas, ficou submergida em pranto quando se separou do pasteleiro.

XV.

Na manhã seguinte, um dos ultimos dias de setembro de 1594, emprehendia o senhor Gabriel de Espinosa uma viagem a Valladolid, vestido com seu traje ordinario de pasteleiro, levando por unico pagem da sua real pessoa um homem de confiança de frei Miguel.

Em pouco tempo concluiu suas obrigações pastoraes o vigario do mosteiro de Santa Maria Real. O seu primeiro cuidado foi ir logo consolar D. Anna d'Austria, que encontrou mui abatida, mas a quem disse taes palavras, a quem exhortou com tanta uncção e eloquencia a conformar-se com a vontade de Deus, que conseguiu tranquillisar um pouco aquella alma, depois de a inteirar da hora e modo como partíra o seu rei, e logar para onde se dirigia. Por esta occasião insistiu na necessidade de fazerem a romaria ao Santo Christo de Burgos, á qual o bom do vigario parecia ligar muito interesse, e ainda que a religiosa lhe oppunha obstaculos e difficuldades, nada o frade deixava de aplanar, assegurando-lhe que já pedíra e esperava em breve licença para os dois, e que estivesse prompta ao primeiro aviso. Grandes eram o ascendente e auctoridade que o confessor exercia no animo da pobre senhora. Resignou-se por isso a fazer o que frei Miguel ordenasse, e ficou tambem esperando a hora da partida.

Por este tempo chegava sem novidade a Valladolid o pasteleiro Gabriel de Espinosa, que o incommodo occasionado pela molesta andadura do cavallo não era cousa tão grave como a fortuna que alli começava a mostrar-se-lhe adversa. Tomou logo dois criados para o que podesse occorrer-lhe.

Um d'elles teve proxima occasião de roubar-lhe cincoenta ducados, e desappareceu.

Espinosa sentiu muito este logro, ainda que a perda do dinheiro lhe fosse cousa de pouca monta. Tomou novo criado e expediu um proprio a Madrigal, dando conta da viagem e demais particularidades, no que continuou com frequencia, tanto para conservar o eremita sempre informado de tudo, como para trazer mais presa ao engano a pobre religiosa, a quem escrevia mil amorosos requebros.

A vida de Espinosa em Valladolid era um tecido de mysterios. Desacompanhado dos criados, costumava expedil-os com anticipação para os logares onde esperava que lhe fossem necessarios, mandando-os de um ponto a outro ponto, e andando sempre só. Mudava com frequencia de pousada.

Raramente dormia duas noites seguidas n'uma mesma parte.

A tradição biblica remonta á mulher a origem do peccado. Não são raros os moralistas que accusam na mulher a occasião do perigo. Uma e outra cousa foi para Espinosa uma, mui formosa, que um dia encontrou, e lhe fez esquecer a dignidade real, para se deixar arrastar pela fraqueza do homem. Seguiu-a, sem descanço, e não foi difficil travarem-se conhecimento. A graciosa desconhecida era d'uma certa classe infeliz, que facilmente costuma arrogar-se liberdades. Com ellas, ou em meio das que Espinosa tomaria, descobriu a cortezã algumas das ricas joias que o pasteleiro trazia comsigo. Pareceram-lhe desdizerem do seu traje. Quando não escrupulisaria em recebel-as, se lh'as désse, escrupulisou na suspeita de serem roubadas, e ou fosse por temor, ou por vingança, ou por qualquer outro motivo, procurou D. Rodrigo Santillan, alcaide da casa e côrte n'aquella cidade, e manifestou-lhe suas apprehensões, que pareceram ao alcaide bem fundadas. Tomados os signaes de Espinosa, despediu a denunciante. Sobrevindo a noite saiu á cata do accusado. Da pousada que lhe haviam indicado, já elle tinha partido. Correu todas as de Valladolid. A uma hora da noite encontrou em fim quem tão diligente procurava.

Logo que o pasteleiro sentiu ruido, começou a vestir-se a toda a pressa, e quando assim fazia, se lhe apresentou a justiça, e foi pelo alcaide intimado em nome do rei se désse á prisão.

—Á prisão! (disse resolutamente Espinosa). Sou acaso criminoso para que me prendam a taes deshoras?

—Acabae de vestir-vos (disse o alcaide): depois veremos o que sois.

D. Rodrigo teve então occasião de observar que Espinosa vestia interiormente finissima hollanda, que não parecia convir a homem da sua condição; e pensando n'isso foi recolhendo as alfayas e mais objectos de preço, que o leitor já conhece.

O pasteleiro acabára de vestir-se. De pé no meio da casa, estava maravilhado do que via. Foi então que começou este interrogatorio do alcaide.

—Como vos chamaes?

—Gabriel de Espinosa.

—Que officio ou occupação tendes?

—Pasteleiro.

—Onde tinheis ultimamente domicilio?

—Em Madrigal.

—Quando viestes a Valladolid?

—Ha dez ou doze dias.

—Que vos trouxe aqui?

—Vender essas joias.

—Quem vol-as deu?

—D. Anna d'Austria, monja de Santa Maria Real, para que lh'as vendesse.

—Porque motivo mudastes de pousada?

—Pergunta escusada a quem é senhor da sua vontade e do seu dinheiro! Mudei-me porque a estalajadeira era pouco aceiada.

—Tantos escrupulos n'um pasteleiro! (continuou o alcaide em tom ironico).

—Antes por essa mesma razão devo ser mais escrupuloso (respondeu Espinosa como quem dava quinão no descoco do alcaide). Lembre-se vossa mercê do ditado— *«quem foi cozinheiro antes de frade, o que se passa na cozinha bem o sabe.»*

—Deixae-vos de graças (disse o alcaide levantando a voz, e como apanhado). Confessae tudo, porque, se não confessaes, posso pôr-vos a tormento.

—Tormento!... (exclamou fóra de si o pasteleiro) reconheço em vós taes sentimentos de honra, que não devo temer esse injusto aggravo.

—Poupemos tempo e razões. Levae-o preso e a bom recado (disse o alcaide aos esbirros).

—Senhor alcaide, repare vossa mercê no que faz, e como trata gente honrada. De certo não o poz elrei n'esse logar para causar damno aos forasteiros.

—Vel-o-hemos. Se o fordes, sereis tratado como tal. Mas como por pasteleiro vos vendestes, em quanto outra cousa não mostrardes, como tal sereis conduzido e tratado. Levae-o.

Cercado pelos esbirros e levado ao carcere, nem por isto mostrou Espinosa abatimento nem pesar. Na prisão teve meio de expedir um proprio a Madrigal, participando a frei Miguel a sua desgraça, e dando-lhe algumas instrucções, em virtude das quaes uma carteira que deixára cheia de papeis e outras cousas

foi transferida para o convento, sem que jámais se soubesse o que fôra feito d'ella. Tambem D. Rodrigo Santillan enviou a D. Anna d'Austria um mensageiro dando-lhe conta do que o preso dissera, e perguntando-lhe se era certo que o mandasse vender as alfayas.

Grande foi o sentimento e perturbação que em Madrigal causaram os dois expressos, e muito mais porque antes de chegarem tinham despachado um proprio com cartas para Gabriel. D. Anna creu ainda que a auctoridade do seu nome sería de muito peso no animo do juiz. Respondeu-lhe logo, que tudo quanto o preso dissera era verdade; que as alfayas eram suas, e o tinha mandado a Valladolid para que as vendesse; acabando por pedir que o pozesse por isso em liberdade.

Se não fosse outro incidente, por ventura teria o alcaide comprazido com D. Anna. Infelizmente antes que chegasse a sua resposta, fôra tambem preso o expresso que no dia antecedente saíra de Madrigal, e apprehendidas as cartas que trazia, e estavam nas mãos do alcaide. Por ellas se conhecia, que a viagem do pasteleiro tinha fim mais importante do que vender alfayas. Antes de obter melhores informações creu D. Rodrigo ser mais prudente não soltar o preso, sem dar conta ao rei, e receber instrucções particulares.

(Continúa).



Nasser-eddin, Schsh da Persia.— Gravura de Coelho Junior.

Nasser-eddin, actual schsh da Persia, cujo retrato damos n'este numero, nasceu em 20 de novembro de 1829, subindo ao throno em 6 de setembro de 1848.

Mohammed-schsh, seu antecessor e pae, era um principe esclarecido e activo, que em todo o seu reinado fizera incriveis esforços para elevar o seu paiz á altura que lhe pertence pela vastidão de sua área, população e recursos naturaes: dotado de rara energia, procurára prudentemente manter amigaveis relações com as potencias européas, sustentando quasi sempre com habilidade, e muitas vezes com fortuna, o equilibrio entre as influencias diplomaticas que de contínuo se gladiam e disputam preeminencias na corte de Teheran; não lhe haviam merecido menos cuidado os negocios internos, e tornára-se sobre tudo notavel pela severidade com que mandára punir grande numero de exactores da fazenda publica, accusados e condemnados por concussões e roubos. A morte, porém, arrebatou-o no vigor da edade, e quando apenas começava a colhêr alguns fructos dos encetados melhoramentos.

Educado segundo os principios e idéas de seu pae, Nasser-eddin parecia destinado a realisar as reformas de que a Persia tão urgentemente carece, e para as quaes já o caminho estava em grande parte aplanado.

Com effeito, o assentimento geral com que foi re-

cebida a accessão ao throno do moço e intelligente principe, a tranquillidade profunda em que se passaram os primeiros annos do seu reinado, promettiam uma era de paz e de prosperidade a este tão rico como infeliz paiz.

Não aconteceu, porém, o que se prophetisára; e apenas terminada a tremenda guerra do oriente, e assignado o tratado de Paris, uma nova guerra rebenta na Asia, e a Europa, ainda sobresaltada, fixa attenta os olhos e o pensamento na malfadada terra do Iran.

É desenganemo-nos, ha um obstaculo que opporá sempre difficuldades, talvez insuperaveis, ao desenvolvimento futuro d'este paiz. A primeira origem d'este obstaculo está na sua propria posição geographica.

Limitada ao norte pelo imperio da Russia, a éste pelos reinos de Herat e de Cabul e a confederação dos beloutchis, ao sul pelos golphos de Oman e Persico, ao oeste pela Turquia da Asia, a Persia está, por assim dizer, entalada entre tres grandes nações: a Russia, a Inglaterra, cujas possessões confinam com algumas das suas provincias, e a Turquia. D'esta, occupada seriamente em remover os estorvos oppostos ao seu progresso moral e material, pouco ou nada tem a recear a corte de Teheran. A Russia e a Inglaterra, porém, essas duas eternas rivaes, são as verdadeiras e mais temiveis inimigas da Persia, e as que concorrem, por diversos modos, para que não seja um dos paizes mais florescentes da Asia. A Russia e a Inglaterra ambicionam de ha muito possuir este bello torrão; nem se cuide que a Persia é apenas notavel pelas suas tradições historicas e pela belleza da indigena raça; a Persia tem uma área não inferior a 100.000 legoas quadradas, approximadamente, com cêrca de 9,000,000 de habitantes. Fragoso e esteril em alguns pontos, o seu solo é em geral de uma pasmosa fertilidade, os seus vinhos, cereaes e fruias gozam de universal reputação; no reino animal e mineral não é menos rica; pelo que respeita a habitadores, não ha povos que a natureza dotasse mais liberalmente; se participam um pouco de certa indolencia natural aos orientaes, se são por ventura menos tolerantes em materias de religião que os turcos, tem a par d'isso uma intelligencia mui perspicaz, e decidido amor pela leitura e pela instrucção. Junte-se a tudo isto, que este paiz está relativamente atrazadissimo, que as fontes de sua riqueza estão por explorar; considere-se a posição que elle occupa favoravel para toda a especie de permutações, e ter-se-ha a razão das ambiciosas tentativas das duas grandes potencias que indicámos.

Ambas aspiram ao mesmo fim, e empregam quasi eguaes meios. Umas vezes a supposta infracção de certo tratado fornece á Russia pretexto para uma guerra iniqua, que custa á Persia tres das suas melhores provincias: a de Talich, a de Hiran, e a de Hackehiran, e uma indemnisação de oitenta milhões de rublos, garantida pelo tratado de Tourkmantchai (1828); outras vezes é a Inglaterra, protegendo com os seus soldados as tentativas de vassallos turbulentos; e sempre, e ao mesmo tempo, uma e outra fomentando a desharmonia entre o schsh e os diversos chefes seus feudatarios e alliados; enfraquecendo o paiz pela agitação civil; estorvando a consolidação das reformas; atiçando talvez os odios e intolerancia dos musulmanos contra os europeus, tornando-os, para assim dizer, cegos ao clarão civilisador que illumina a Europa e a America. Tal tem sido a politica ora violenta, ora insidiosa, das duas potencias rivaes, auxiliada poderosamente pelo espirito de insubordinação dos pachás subalternos, e pelas vellei-dades de independencia dos émires de Herat e de Cabul. Assim, constantemente sobre as armas para punir a insolencia de vassallos insoffridos, e manter a tranquilidade no interior, a Persia não terá occasião de desenvolver os seus grandes recursos, debilitar-se-ha successivamente, e será a final facil prêsa d'aquella das duas nações que melhor souber aproveitar a opportunidade.

São os émires de Herat quem, talvez involuntariamente, mais tem auxiliado nos ultimos annos o empenho commum dos estrangeiros inimigos da sua patria, quasi sempre inquietos, subtrahindo-se, mais ou menos ostensivamente, á sujeição do sophi, sujeição que remonta á epocha do grande Taimur-lenk ou Tamerlão, aproveitando-se habilmente a fraqueza ou indolencia da corte de Teheran, os soberanos de Herat, a perola do Korassan, a cidade por excellencia, segundo a expressão poetica dos persas, tem por vezes, ajudados pelos inglezes, feito experimentar graves desastres ás tropas do schsh.

A pendencia tomou nos ultimos annos maior vulto, caracter mais serio; já em 1837 o exercito persa cercára a cidade, e tel-a-hia rendido, se não fôra a coragem dos defensores, e o procedimento dos inglezes que occuparam Bouschir, e em seguida invadiram o Affghanistan. O monarcha teve de ceder então, a paz assignou-se, e os inglezes evacuaram Bouschir, deixando, comtudo, elementos para novas tentativas de rebellião, como foram espingardas e toda a especie de munições de guerra.

O émir, porém, adversario leal e corajoso, ou porque conhecesse que sublevando-se era apenas triste instrumento de estranhas ambições, ou por outro qualquer motivo que se ignora, submetteu-se voluntariamente, reconhecendo a superioridade do schsh. Não tardou porém muito que não fosse assassinado; e Nasser-eddin attribuindo a morte do honrado Schsh-Khamran a intrigas britannicas, marchou sobre Herat, onde tomára as redeas do governo Jossoufkhan. Bem quizera este receber o schsh como amigo e senhor; mas, compellido pelos habitantes, teve de cerrar as portas ás tropas persas, faltando ao juramento de vassallagem, e lançou-se nas mãos dos inglezes, que incitaram o émir de Kandahar, Dost-Mohammed, principe valoroso e emprehendedor, a soccorrel-o, enviando-lhe soldados, officiaes, dinheiro, armas, etc.

Apesar de tudo, Herat succumbiu perante o valor dos persas, que entraram a cidade a 25 de outubro de 1856. A 11 de novembro seguinte um corpo expedicionario inglez partia de Bombaim, e a guerra travou-se francamente entre as duas potencias, depois de ridiculos e indignos mexericos diplomaticos em Teheran.

A expedição britannica compunha-se de 6:000 a 8:000 homens de tropas regulares de todas as armas, sob o commando do general Stalkes, sendo as forças navaes capitaneadas pelo almirante sir Henry Leeke.

A 4 de janeiro de 1857 Bender-Bouschir caíu em poder dos inglezes, e a guerra proseguiu depois, com varia fortuna, até que lhe poz termo do tratado de paz, ratificado em Teheran a 14 de abril.

Entretanto uma situação similhante é insupportavel para a Persia, nem póde subsistir sem imminente risco da integridade d'este paiz; e posto que a sublevação da India ingleza, cujas consequencias e alcance é difficil calcular, lhe garanta um pouco mais de socego pela parte da Grão-Bretanha, lá está a Russia, cujos intuitos não são mais puros, e cuja ambição não é menos perigosa, nem menos perseverante. Os mais intelligentes estadistas persas e o proprio soberano o comprehenderam a final, e a recente embaixada de Ferouk-khan a Paris significa, ou nós muito nos enganâmos, o pensamento de buscar em

uma nação poderosa, como é a França, força moral ao menos, para neutralisar a influencia russa e ingleza. E de feito só a França está nas circunstancias de lhe prestar efficaz apoio, e de concorrer para a fundação n'aquella parte do oriente de um systema racional de reforma.

Caberá ao actual schah a gloria de inaugurar uma nova epocha de prosperidade na Persia? Quem sabe? Seja como for, o que é innegavel é que Nasser-eddin, principe distincto pela sua illustração e elevadas aspirações, parece ter um serio empenho em restituir ao seu paiz a antiga importancia, dotando-o de todos os melhoramentos que honram a moderna civilisação.

P.

RECORDAÇÕES DE VIAGEM.

IX.

Guildhall. — A cathedral de S. Paulo. — Londres vista d'alto. — Abbadia de Westminster.

A organisação municipal da Inglaterra, typo admiravel do governo da localidade pela mesma localidade *(self-government)*, (1) é talvez o ramo mais perfeito da administração n'aquelle paiz. A corporação da cidade de Londres, a mais auctorisada e importante assembléa popular, depois da camara dos communs, aquella cujas decisões em momentos criticos tem sido consideradas como a voz da nação, compõe-se de um chefe *(lord mayor)*, de 2 juizes ou inspectores de justiça *(sheriffs)*, de 26 corregedores ou administradores de bairo *(aldermen)*, de 240 vereadores *(common councilmen)*, e da assembléa dos cidadãos representantes das companhias *(livery)*. O lord mayor é escolhido annualmente em Guildhall por esta ultima assembléa, e o seu acto de posse costuma ser esplendidamente festejado. Depois de uma solemne passagem por varios pontos da cidade, do rio, depois de receber do lord chanceller a confirmação da coroa, e de apresentar-se aos barões do Exchequer, segundo o uso dos antigos tempos, (2) o lord mayor dá um sumptuoso banquete no paço municipal, a que de ordinario são convidadas cêrca de 1,300 pessoas, entrando n'este numero varios membros da familia real, os ministros, os juizes superiores, e muitos nobres e cavalheiros das primeiras familias. Vi o magnifico salão em que este jantar é servido. Estava nú de adornos, mas não de poesia. Suas altas muralhas amarellecidas pelo tempo, e as das immensas janellas de vidros córados, que lhe adornam os topos, indicavam bem a sua veneranda antiguidade, e traziam á memoria muitas e interessantes scenas que alli se passaram desde os jantares politicos de Carlos I até ao sumptuoso banquete de 1814, em que o principe regente, o imperador da Russia e o rei da Prussia foram servidos em baixella de prata do valor de 200,000 libras. Alguns monumentos dos homens illustres jaziam encostados aos muros, como que perdidos no amplo recinto. Eram bustos de Chattam, Pitt e Nelson, com inscripções devidas á penna de Burke, Canning e Sheridan. O salão de Guildhall tem 55 pés d'altura, e 152 de comprimento por 50 de largura. A sala do *common council*, (3) que não é mui vasta, tem uma grande collecção de retratos dos monarchas inglezes. A sala das audiencias do lord mayor apresenta algum luxo de ornatos. A sala do tribunal e jury pareceu-me mesquinha. A fachada do edificio, posto que estreita, não deixa de ser um bello specimen de architectura gothica.

(1) Governo proprio.

(2) Depois da conquista normanda os officiaes municipaes eram escolhidos pelo rei como seus exactores. Posteriormente elles responsabilisaram-se pelo pagamento de uma quantia certa á fazenda real. Londres, n'essa epocha, tinha dois bailios *(bailiffs)*, e pagava annualmente 300 libras.

(3) Concelho de municipalidade.

É verdadeiramente magestosa a cathedral de Londres! Entrei alli, pela primeira vez, a horas em que se celebrava o officio da tarde. Os sons harmoniosos do orgão, resoando na immensidade do templo, produziram-me um sentimento indizivel de respeito e admiração. Que vastidão! Que altura! Que pureza de linhas! Que alvura de marmore! Que de mausoleos consagrados á memoria dos grandes homens que serviram utilmente o seu paiz! A gratidão da patria entoa no mesmo sanctuario canticos a Deus e louvores aos cidadãos benemeritos. Debaixo d'aquellas abobadas augustas, que a religião e o patriotismo engrandecem ao som d'aquelles hymnos tão repassados de melancholica suavidade, os espiritos dos heroes parecem receber a constante homenagem das gerações reconhecidas! Oh! Quanto é bello concentrar o que ha de mais elevado na região dos sentimentos e na região das artes! Uma grande nação erige um grande templo. Grandes homens elevam essa nação ao fastigio do poder e da riqueza. Grandes artistas symbolisam na pedra a gratidão nacional, e o famoso templo ostenta em suas naves os gloriosos tropheos de Valenciennes e de Trafalgar, e recolhe em suas catacumbas os restos mortaes de Nelson e de Wellington! S. Paulo está construida no mais puro e elegante gosto da architectura classica, e as suas proporções são na verdade gigantescas, porque tem exteriormente 765 palmos de comprimento, e 420 de largura. A altura das torres é de 425 palmos, e a do zimborio, desde o plano da egreja até á cruz que se acha no cimo d'elle, 600 palmos. No interior da egreja, ao longo dos seus muros, encontra-se a longa serie de monumentos, mais ou menos ricos, mais ou menos imponentes, de todos os homens celebres, sabios, artistas, generaes e almirantes, que n'estes ultimos cem annos illustraram a Inglaterra. Um d'elles, o de sir Ralph Abercombrie, representa o valente general montado no seu cavallo de batalha. Muitas das estatuas são devidas ao cinzel de Flaxman e de Chantrey. Nas legendas distingue-se quasi sempre a energica phrase:

Who fell gloriously at.... (1)

Howard, o celebre philanthropo que reformou o systema das prisões, foi o primeiro que teve aqui um monumento, levantado por subscripção nacional (1795). Depois d'elle obtiveram a mesma honra o virtuoso philologo o dr. Johnson e o pintor Reynolds. Entretanto são os almirantes e generaes, os Howe, Dunkan e Nelson, os Moore, Abercombrie e Picton, que representam quasi exclusivamente n'este logar a moderna epopéa das armas inglezas.

Descendo uma espaçosa e funda escada, entra-se na vasta cripta da cathedral, que occupa todo o seu pavimento inferior. A claridade de uma lanterna perde-se no espaço, e apenas deixa conhecer o terreno que se pisa, e um ou outro dos varios tumulos que alli se acham. O de Nelson é objecto de principal curiosidade. Tambem alli repousam o eminente architecto da egreja, sir Christovão Wren, os insignes pintores sir Joshua Reynolds, que em vão pretendeu embellezal-a com os primores do seu pincel, (2) sir Thomaz Lawrence e sir Benjamin West, e os

(1) Que morreu gloriosamente na batalha de...

(2) Foi questão renhida esta de se collocarem alguns quadros na cathedral. A final resolveu-a negativamente o bispo de Londres, sob pretexto de que as pinturas offendiam a simplicidade do culto protestante!

distinctos engenheiros contemporaneos mrs. Milne e Rennie. As abobadas negras e cobertas de musgo, as recordações mortuarias do logar e escuridão quasi completa que n'elle reinava, augmentaram-me o effeito naturalmente lugubre d'aquella vista. Respirei melhor, e achei novos encantos á luz, quando voltei á egreja.



A abbadia de Westminster é um venerando monumento do seculo XIII, e o pantheon dos antigos reis de Inglaterra, e de muitos dos seus homens celebres. O edificio construido no estilo gothico apresenta exteriormente notavel formosura. As suas torres e portaes, as suas janellas rendadas, os seus altos florões são de um effeito lindissimo. A egreja, interiormente, respira aquella suave melancolia tão peculiar ás construcções gothicas. A fabrica é vastissima, sendo grande o numero de capellas que a rodeiam. Os tumulos mais ou menos ricos e as simples memorias guarnecem as naves e os recintos particulares. Percorrendo com os olhos esses longos epitaphios, o observador tem diante de si uma synopsis da historia politica, ecclesiastica, scientifica e litteraria de um grande povo, e cobertas por lousa piedosa muitas das ossadas dos seus mais illustres filhos. Jazem alli, no celebre *Poet's corner*, (1) os poetas Chaucer, fallecido em 1400, Spenser, Ben Johnson e Dryden, o celebre actor Garrick, e o eminente critico Samuel Johnson. Descançam no mesmo tumulo as duas rainhas rivaes, Isabel e Maria Stuart.

«The grave unites, where e'en the great find rest
And blended lie the oppresor and th'opprest.» (2)

POPE.

Ahi jaziam tambem, sobre as abobadas regias, os restos mortaes de Cromwell e outros fundadores da republica ingleza, que depois da restauração monarchica foram profanados com ignominia. Entre os monumentos mais ou menos grandiosos e as rícas estatuas ou humildes laminas, citarei simplesmente os que a gratidão publica ou particular erigiu a Milton, o grande poeta epico da Inglaterra; a Newton, o famoso descobridor da attracção universal; a Goldsmith, o classico romantico; a lord Chatam, o maior orador dos tempos modernos; a Carlos Fox, o defensor da liberdade; a Guilherme Pitt, o ministro energico e patriota; a Guilherme Wilberforce, o incançavel promotor da abolição da escravatura; a Jorge Canning, o estadista, amigo da liberdade dos povos; a James Watt, o immortal aperfeiçoador das machinas de vapor; a Humphry Davy, o distincto chimico, inventor da lanterna de segurança; a Thomaz Telford, o celebre engenheiro da estupenda Menay bridge; e, finalmente, a Zacarias Macauly, campeão da alforria de 800,000 escravos nas colonias britannicas. O monumento de Watt, o immortal engenheiro da machina de vapor, custou 6,000 libras, e contém a sua estatua collossal, feita por Chantry, e uma bella inscripção attribuida a lord Brougham, que merece ser transcripta:

Not to perpetuate a name
Which must endure while the peace fel arts flourish
But to shew
That mankind have learned to honour those
Who best deservy their gratitude
The king
His ministers and many of the realn
Raised this monument to
James Watt
who directing the force of an original genius
Early exercised in philosophie researcb
To the improvement of
The steam engine
Enlarged the resources of his country
Increassed the power of man
And rose to an eminent place
Among the most illustrions followers of science
And the real benefactors of the world
Born at Greenock, MDCCXXXVI.
Died at Heath field, in Staffords hire, MDCCCXIX (1)

Na antiquissima capella de Eduardo o confessor, que morreu em 1065, e n'ella jaz sepultado, existem, entre outras antigualhas, as cadeiras da coroação dos reis e rainhas da Inglaterra. Uma d'ellas, dadiva de Eduardo I, contém a celebre pedra, sobre a qual os reis escocezes eram coroados, e foi por elle trazida da Escocia, como monumento da sujeição e pacificação d'este reino. Esta pedra, que se diz ter sido posta em Scone por Kenneth II, no seculo IX, era considerada pelos escocezes como o symbolo da sua independencia. Um antigo proverbio dizia:

«Except old saws do fail
And vizarsds' wits be blind
The scots in place must reign
Where they this stone find.» (2)

Não sei porque fatalidade me passou por alto a magnifica capella de Henrique VII, começada a construir em 1503, pouco mais ou menos pelo tempo em que o nosso D. Manoel principiava em posição analoga a sua grandiosa *capella imperfeita* no Westminster portuguez, o mosteiro da Batalha. Mais bem succedida que a nossa, a capella ingleza chegou a acabar-se, e com tal grandeza e primor, que a bella laçaria do seu tecto, a infinidade dos seus milhares de estatuas e a riqueza dos seus ornamentos lhe grangearam o titulo de «maravilha do mundo.» Os vidros pintados dos grandes espelhos do cruzeiro e da porta principal da egreja maravilharam-me. Por muito tempo estive embebido na observação d'esses quadros de côres vivissimas, que os frouxos raios do sol douravam ligeiramente. Quanto é bello ver incidir sobre o marmore das columnas e do pavimento a luz córada com os mais variados cambiantes! Gozei alli pela primeira vez, e em ponto grande, o effeito da pintura sobre o vidro, de que a nossa Batalha, em seus preciosos fragmentos, me havia dado alguma idéa. Mais tarde, sobre as margens do Rheno, devia eu ver os melhores exemplares d'esta arte esquecida, que a Allemanha moderna procura restaurar com tão feliz existo.

J. FELIX NOGUEIRA.

(1) Canto ou nave dos poetas.
(2) A sepultura, que ainda para os grandes é forçado repouso, une e confunde o oppressor e o opprimido.

(1) Não para perpetuar um nome que deve durar em quanto florescerem as artes da paz, mas para mostrar que a humanidade sabe honrar aquelles que melhor merecem a sua gratidão, o rei e seus ministros e muitos dos nobres e communs do reino erigem este monumento a James Watt, que, dirigindo a força de um talento original, cedo se exercitou em investigações philosophicas para o melhoramento da machina de vapor. Alargou os recursos do seu paiz, augmentou o poder do homem, e elevou-se a um eminente logar entre os mais illustres cultores da sciencia e os verdadeiros bemfeitores do mundo. Nascido em Greenock, MDCCXXXVI; fallecido em Heathfield, no Staffodshire, MDCCCXIX.
(2) A não ser que falhem os velhos dictados, e que escureça o juizo dos feiticeiros, os escocezes devem reinar no sitio em que esta pedra encontrarem.

LISBOA — Typographia de Castro & Irmão, rua da Boa-Vista, 4 F.